

DOMINGOS AMARAL

# VERÃO QUENTE

  
casadasletras

Para a minha querida filha Leonor

# 1

Julieta é cega, mas vinte e oito anos depois volta a ver. Os médicos não entendem o fenómeno, acredita-se num milagre, uma fatalidade benigna sem explicação científica, que estamos destinados a aceitar.

Cegou em 1975, ao cair de uma escada, na casa da família, na Arrábida. O acidente deixa-a semanas em coma, a posterior recuperação é lenta, dolorosa e incompleta. Primeiro, regressa a fala, depois o andar, por fim a ordem dos pensamentos e uma parte significativa da memória. Mas nunca regressa a visão, nem a memória específica daquele fim de tarde de 3 de agosto de 1975. Meses depois, Julieta lembra-se já perfeitamente do nascimento da filha, um ano antes; do dia do seu casamento, em 1970; e até da manhã em que partiu um dedo na escola, ao cair de um baloiço, em 1953, tinha ela cinco anos. Só nunca se lembra da tarde trágica.

Curiosamente, recorda com absoluta nitidez as horas que antecedem o seu inferno: a partida matinal para Lisboa, guiada pelo motorista do pai, o senhor Simões, homem baixinho cuja tagarelice a exaspera; o bebé numa alcofinha a seu lado, febril, motivo da urgência na ida à capital; a consulta no médico, as suas palavras tranquilizadoras e a receita do antibiótico. Também recorda, como se fosse hoje,

o controlo à saída da ponte a que a revolução mudou o nome; os militares barbudos e desorganizados à procura de «fascistas», a mandarem parar carros de gente rica, como é o *Mercedes* preto do pai.

«Dom Rodrigo» – assim, com nome de doce, é conhecido o industrial Rodrigo, pai de Julieta – foi preso em Setembro de 1974, «engavetado» em Caxias, na companhia de muitos outros «fascistas», e essa memória está viva no coração da filha. Teme que o Copcon a prenda, e ficará convencida de que só a presença do bebé impede tal destino. Comovidos com a febre da criança, deixam seguir a mãe, e essa boa ação dos militares ainda lhe provoca hoje uma paradoxal raiva. Tivesse ela sido presa ali, na ponte, e talvez não regressasse à casa da Arrábida ao fim dessa tarde quente, e talvez não subisse ao quarto e não «tombasse» pelas escadas.

A última recordação de Julieta nessa tarde fatal é vívida: diz ao senhor Simões que não pare o carro ao sol, por causa do bebé. Depois, vê a porta de casa e abre-se um «buraco negro». Julieta sabe o que disseram dela, dos atos horríveis que supostamente comete nesses breves minutos dentro de casa, mas durante vinte e oito anos serão sempre inúteis as constantes viagens às profundezas do seu cérebro. Nada nasce naquele pedaço de terra queimada. Enervada, costuma afirmar à filha que há um «buraco negro» dentro dela.

É, pois, uma dupla e extraordinária surpresa que recupere as memórias perdidas desse dia ao mesmo tempo que volta a ver. Irónica, como é seu hábito, Julieta considera ser objeto de dois milagres simultâneos. O segundo milagre é a destruição progressiva do «buraco negro». Julieta não só deixa de ser cega (o primeiro milagre), como desata a recordar-se de pormenores da tragédia: as manchas de água no

tapete do corredor; o marido seminu, deitado em cima da cama; o biquíni azul que a irmã usa. Aos poucos, renascem fragmentos de memória, que uma catapulta cerebral atira cá para fora sem sequência lógica, como se fossem peças de um *puzzle* que alguém espalhou aleatoriamente no chão de uma sala, e que só no fim, quando as juntamos, fazem sentido.

Esta aventura de reconstituição é uma das razões do meu fascínio por esta história. Por mera coincidência, conheci Julieta nesse momento de transformação íntima espetacular, em que volta a ver e a lembrar-se, e entusiasmei-me com a investigação de um grave crime. Duas pessoas – o marido e a irmã de Julieta – são assassinadas a tiro, com duas balas no coração de cada uma. Eu, Julieta e a sua filha iremos reviver muitas vezes a tarde de 3 de agosto de 1975 e, pelo caminho, regressar ao revolucionário Verão Quente, assim baptizado porque Portugal quase se parte ao meio numa guerra civil.

É que, para compreender o crime acontecido na mansão de Dom Rodrigo, é necessário reexaminar as paixões que dividem o país num momento raro, de libertação mas também de perigo, e que condicionam a narrativa dos homicídios. Nesta história, não há só enredo, há também contexto. Aquele não é só um crime, mas igualmente uma metáfora sobre a irracionalidade que assola Portugal, em 1975.

Para além disso, existem as pessoas. É necessário biografar os envolvidos, decifrar as suas personalidades, segredos ou mentiras, e determinar, sempre que possível, o papel que cada um desempenha. Nada acontece por acaso em 1975, durante o Verão Quente. Não é por acaso que Dom Rodrigo e sua mulher, os pais de Julieta, estão fugidos no Brasil, e a sua ausência cria um vácuo permissivo, onde

florescem caoticamente as emoções subversivas que destroem aquela família. Não é por acaso que uma das vítimas mortais é Miguel, o marido de Julieta, um reacionário que destila ódio a Otelo e aos «comunas», que se diz um «duro», admirador fervoroso de Kaúlza de Arriaga, e que, apesar de se descrever como católico, salazarista e monárquico, respeitador de Deus, da Pátria e da Família, é também um incontinente sexual, e acaba assassinado e seminu, na cama com a cunhada, num teatral e imoral adultério.

Não é igualmente por acaso que a sua companheira de destino cruel é Madalena, irmã, uns anos mais nova, de Julieta, que desde 1968 sofre uma metamorfose galopante, reinventando-se como *hippie*, fumadora de charros e leitora pouco atenta de Sartre, Foucault e poesia barata; uma defensora do *peace and love* ao fim da tarde, que eleva o sexo a valor supremo, perdendo pelo caminho qualquer critério na seleção dos machos com quem copula. Incluindo o critério político, pois, embora sempre se afirme de «extrema-esquerda», abandona o marido, um capitão do MFA, e acaba a seduzir o cunhado Miguel, que costumava batizar de «capitalista, chato e insuportavelmente parvo».

Não é também por acaso que o motorista, o senhor Simões, anda cada vez mais tagarela, nervoso com o que se passa nas empresas de Dom Rodrigo; nem que a cozinheira e o jardineiro da Arrábida, contaminados ainda por um temor reverencial típico do antigo regime, e que a revolução iria destruir em breve, façam o que os patrões mandam «sem tugar nem mugir», expressão muito do agrado de Miguel.

Nada disto acontece por acaso, e Miguel e Madalena são vítimas dessa colossal balbúrdia íntima que se instala no coração das pessoas, mas também da confusão nacional, que transporta o crime da sua dimensão de explosão passional

para a de conveniente exemplo político de como os «fascistas» se «matavam uns aos outros», como chegam a escrever os jornais em 1975.

Estas são razões do meu fascínio, mas não posso esquecer a própria Julieta. É preciso lembrar que ela passa vinte e oito anos cega. Ora, em 1975 Portugal é muito diferente. Há poucos frigoríficos e televisões, poucas estradas e nenhuma autoestrada completa, a Arrábida fica no fim do mundo e é difícil ir e voltar a Lisboa no mesmo dia, pois existem poucas bombas de gasolina pelo caminho. Além disso, o Portugal de 1975, o último que ela vê, está a ser virado de cabeça para baixo: o Estado Novo cai, Marcello Caetano e Américo Tomás são enviados à força para o Brasil, e mandam os militares do MFA, os comunistas e a extrema-esquerda. As transformações políticas são já profundas, embora ainda em sentidos imprevisíveis, mas as económicas, tecnológicas e sociais, que mudaram o dia-a-dia de cada um de nós, vão ainda demorar algum tempo a chegar.

Imagine-se o choque de uma mulher ao voltar a ver em 2003! Julieta descobre em semanas o que o país descobriu ao longo de vinte e oito anos: a televisão a cores e os DVD, os telemóveis e os sms, a Internet e os *e-mails*, as autoestradas e a Via Verde, os centros comerciais com centenas de coloridas lojas, o euro em vez do escudo, a banca privada e o multibanco, os condomínios com piscina e os *spa*, e também os milhares de automóveis que enchem as nossas ruas. É como se, de repente, ela entrasse numa máquina do tempo e fosse atirada vinte e oito anos para o futuro! É evidente que, sendo uma mulher inteligente, apesar de cega ela apercebeu-se de muitas das transformações, e em alguns casos, como o do telemóvel, até as usa. Mas saber que as coisas

existem é completamente diferente de vê-las! Esse choque traumático, ao mesmo tempo que lhe traz alegria, altera-lhe as opiniões sobre o mundo.

Cega, sofrida, condenada pela sociedade revolucionária de 1975, Julieta torna-se uma mulher cáustica e até azeda, embora sem nunca perder o humor subversivo que lhe tempera o carácter desde a infância. O trauma de 1975, o do país mas sobretudo o seu, gera nela o que à superfície parece ser um fino asco ao presente. Por isso, louva Salazar e o «antigamente» e castiga o Portugal atual com o seu humor corrosivo, como se a sua cegueira fosse uma punição injusta que dela exige uma vingança, e os comentários hilariantes com que vergasta todos, com uma raiva alegre e um pouco tonta, a única forma de a executar.

Além disso, a sua cegueira funciona também como uma desculpa, ou uma garantia de imutabilidade da sua visão do mundo. Diz que é cega e já não vai mudar, mas quando volta a ver é como se acontecesse dentro dela outra revolução. E aí descubro que o seu humor ácido não é mais do que um escudo protetor, e que afinal ela, como, aliás, deve ter sido no passado, é muito interessada nas mudanças do mundo. O regresso da visão provoca, pois, em Julieta o retorno de um certo humanismo perdido, de uma certa ilusão, e ela deixa finalmente de culpar o Verão Quente de 75 pela sua tragédia pessoal e familiar. Quando vê o presente, Julieta volta a apaixonar-se pelas ironias humanas, e faz as pazes com um Portugal que sempre amou, mas por quem se sentiu rejeitada.

Estas são boas razões para contar esta história, mas mentiria se dissesse que são as mais importantes. É verdade que a história do crime da Arrábida é perturbadora. O que acontece naquele quarto? Miguel e Madalena são mesmo

amantes secretos? Julieta disparou a arma que está na sua mão quando é encontrada, inanimada, no chão? A polícia fez um bom trabalho ou enche-se de preconceitos e decide depressa de mais quem é o assassino? O tribunal de Setúbal é justo na violenta condenação que profere ou deixa-se levar pelo clamor da cidade contra os supostos «fachos», como chamam à família de Julieta?

É verdade também que a notável mutação que se dá em Julieta é impressionante. Só as comparações que faz entre o mundo até 1975 e o mundo que vê em 2003 dão para escrever um livro. Mas, para mim, o mais importante não é isso. A principal razão por que me liguei a esta história é outra e muito mais simples: o amor. Tenho de reconhecê-lo: a verdadeira razão do meu entusiasmo é uma rapariga chamada Redonda, a filha de Julieta. Foi por ela que me apaixonei. A história que tenho para contar é essa: o meu perigoso amor por Redonda. O resto, por mais importante que seja ou pareça, vem por arrasto, como o peixe nas redes. Quem eu quero e desejo, desde o primeiro instante que a vi, é Redonda. E foi para seduzi-la, para conquistá-la, para tentar roubá-la ao marido, que mergulhei nesta história, onde há muito mais do que quatro balas assassinas, uma revolução confusa e dois milagres improváveis.

## 2

Como as conheci? Em finais de maio de 2003, faz agora três meses, tirei uns dias de férias, numas termas antigas que uma renovação havia transformado num moderníssimo *spa*, numa serra próxima de Coimbra. Cheguei numa quinta-feira à noite, já passava das dez e meia. Ao fazer o *check-in* no balcão da receção, a pensar a que hora marco a massagem do dia seguinte, sinto movimento nas minhas costas. Olho por cima do ombro e vejo duas mulheres. Uma veste de negro, mas não é um vestido qualquer, pelo corte parece Armani, é distinto, suave e sofisticado. Com rugas na cara e no pescoço, a mulher aparenta mais de sessenta anos. Anda com dificuldade, ligeiramente curvada, um braço apoiado numa bengala e o outro numa segunda mulher, bem mais jovem. Intrigam-me os seus enormes óculos escuros, não são horas para aquilo. Deduzo que é cega.

Quanto à mais nova, parece-me bonita, mas só a vejo de relance. Veste *jeans*, ténis, uma camisa branca e larga, tem olhos azuis e cabelo castanho-claro, madeixas loiras e bastantes ondulações. Dá-me a ideia de que é esquiva, mira-me meio segundo e depois, ao perceber que a observo, fixa de imediato o olhar no tapete. Mas incomoda-se, pois a mulher mais velha pergunta-lhe: «Quem estava ali, porque

tremeste?», e ela responde: «Mãe, que disparate... é só um homem, sei lá quem é.»

Só as volto a ver na manhã seguinte. Nessa primeira noite durmo mal. Devido aos hábitos noctívagos recentes, só adormeço pelas três da manhã. Para meu azar, o quarto não tem estores (é uma mania dos hotéis modernos), os cortinados não impedem a luz de entrar, e acordo às oito. Uma hora mais tarde, farto de dar voltas na cama, decido ir nadar. Visto calções de banho e *T-shirt* e saio pela varanda, pois o meu quarto é no piso térreo. Descalço, percorro talvez cinquenta metros, atravesso um relvado ralo e suave, respirando o ar puro da manhã. À medida que me aproximo da piscina, dou-me conta de que alguém apanha sol numa espreguiçadeira. Como a cadeira se encontra virada de costas para mim, só muito perto é que vejo uma mulher. Então, com aquela cerimónia que tenho perante desconhecidos, desvio a minha rota, de maneira a passar uns metros ao lado e não a perturbar. Como venho de pés nus, não faço barulho, e só me vê quando entro no seu ângulo de visão. E aí assusta-se.

Pelo canto do olho, reparo que se levanta bruscamente, tapa o peito com um braço e com a outra mão agarra a parte de cima do biquíni, para o recolocar. É evidente o seu constrangimento ao ser apanhada em *topless* na piscina de um hotel, o que é normalmente proibido. Dou-lhe tempo, debruço-me sobre outra espreguiçadeira, levanto-a pelos pés da frente e manobro-a de forma a virá-la para o sol. Ainda de costas para a mulher, dispo a *T-shirt*. Só então me viro e forço os meus olhos na direcção da piscina. Avalio-a como se nunca tivesse visto uma. Não há nada de especial naquela piscina, mas tento calcular mentalmente o seu comprimento, a sua largura, a sua profundidade. A dada altura,

(é mais forte do que eu), os meus olhos desviam-se para a mulher, e aí dou-me conta de que, ao contrário de mim, que faço um esforço heroico para não a observar, ela mira-me sem qualquer reserva.

Reconheço-a, é a mulher mais nova da receção e reparo que já recolocou o biquíni. Mesmo que não queiramos, nós, homens, olhamos logo para as mamas de uma mulher. É uma coisa instintiva, primitiva. E, no caso, compreende-se. Pisco os olhos, em dois segundos de perturbação, mas ela capta o meu alarme, e isso parece diverti-la. Esboça um ligeiro sorriso. Não é convidativo, mas é matreiro, como se estivesse lisonjeada pelo efeito que causa.

Dou-lhe os bons-dias, e ela pergunta de imediato se eu sei porque não têm rede os telemóveis. Senta-se na sua espreguiçadeira, mostra-me o aparelho na mão, como um comprovativo. Quando se movimenta, as suas mamas mais gloriosas me parecem. Engulo em seco, e balbucio qualquer coisa como «já dei por isso». Então, ela dobra os joelhos, coloca os pés e as pernas para trás das costas, arqueia ligeiramente a coluna e transforma-se numa sereia sentada.

Encanta-me num segundo. Aprecio os seus olhos azuis, as bochechas do rosto, a pele de bebé, suave mas repleta de sardas, a forma graciosa e feminina como se move, o cabelo ligeiramente caído sobre o ombro direito, a boca carnuda aonde nasce um sorriso. Esta mulher domina com perícia as regras da sedução animal, sem, contudo, se mostrar demasiado oferecida. Ao ver-me, tapou-se primeiro com o biquíni, um sinal de respeito, uma convenção conservadora, mas agora mexe-se como uma subtil predadora.

Sugiro que a falta de rede talvez se deva à altitude e ela menciona a mãe.

– A minha mãe anda esquisita.